

IX Simpósio de Contabilidade e Finanças da UFGD

ANÁLISE COMPARATIVA DA COMPOSIÇÃO DAS RECEITAS DOS BANCOS DIGITAIS E DOS BANCOS TRADICIONAIS (2015-2018)

Raul Lucas Tanigut Brisola Maciel¹

RESUMO

Este trabalho busca analisar a composição das receitas dos bancos digitais e dos bancos tradicionais, com base nas suas demonstrações contábeis, tendo como objetivo realizar uma análise comparativa entre bancos para identificar as principais diferenças. Foram estudados os anos de 2015, 2016, 2017 e 2018 e os bancos Inter e Original, como bancos digitais, e Bradesco, Santander, Banco do Brasil, Itaú e Caixa Econômica Federal, como bancos tradicionais. As principais diferenças encontradas apontam para um maior direcionamento dos bancos tradicionais para a obtenção de receitas não ligadas à intermediação financeira, como receitas de prestação de serviços e rendas de tarifas bancárias, e para um maior direcionamento dos bancos digitais para as receitas ligadas à intermediação financeira, sobretudo as relacionadas às operações de crédito.

Palavras-chave: Bancos. Bancos digitais. Receitas bancárias.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the composition of revenues of both digital and traditional banks, based on their financial statements, with the objective of conducting a comparative analysis among banks to identify the main differences. The years 2015, 2016, 2017 and 2018 of the digital banks Inter and Original were studied, as well as Bradesco, Santander, Banco do Brasil, Itaú and Caixa Econômica Federal, as traditional banks. The main differences found point to a greater targeting of traditional banks in order to obtain non-interest income, such as service revenues and bank fee income, and to a greater targeting of digital banks to revenues related to financial intermediation, especially interest income.

Keywords: Banks. Digital banks. Banks' revenue.

1 INTRODUÇÃO

O avanço da tecnologia nas últimas décadas mudou radicalmente o modelo de negócio dos bancos e, conseqüentemente, a sua participação no sistema financeiro. Se, por um lado, os serviços por eles prestados continuam sendo os mesmos – em operações ativas relacionadas principalmente à oferta de crédito –, com poucas alterações, houve uma mudança radical, por outro lado, na forma da prestação desses serviços. Quando Laukkanen (2007) buscou analisar as percepções e a satisfação dos clientes em relação ao

¹ Graduado em Ciências Econômicas (UFPR) e especialista em Finanças (FAE). E-mail: raulmaciel@hotmail.com.br.

internet banking e ao *mobile banking*, identificou que transferências realizadas por meio de celulares às vezes esbarravam nas limitações das operações permitidas e das informações disponíveis aos clientes e mesmo no tamanho da tela e dos botões. Com a alta demanda dos clientes pelo aprimoramento deste canal e o alto investimento dos bancos em seu desenvolvimento, esse canal de atendimento ganhou cada vez mais importância.

No Brasil, em 2014, o número de transações bancárias realizadas por meio do *mobile banking* era inferior ao das realizadas em agências bancárias. Com o crescimento observado entre 2014 e 2018, o *mobile banking* passou a ser o canal com maior número de transações, ultrapassando as agências bancárias, o ATM (autoatendimento) e o *internet banking* (Federação Brasileira de Bancos [FEBRABAN], 2015, 2017, 2018, 2019). Apenas de 2008 para 2016, a taxa de bancarização² da população brasileira passou de pouco mais de 70% para a casa dos 90% (FEBRABAN, 2013, 2017). Com o aumento do acesso à internet e aos dispositivos eletrônicos e com mudanças no perfil dos usuários – mais demandantes por praticidade e mobilidade –, observa-se um contexto no qual os desafios impostos ao setor bancário pela revolução em diversos modelos de negócio fizeram expandir os investimentos dos bancos em tecnologia (FEBRABAN, 2015, p. 44). A participação das agências bancárias sobre o total de transações se torna cada vez menor – em parte por decisão e mudança de comportamento dos próprios clientes, mas em parte também por movimento dos bancos, orientados por políticas redução de custos, os quais acabam sendo maiores principalmente nas suas estruturas físicas.

Nesse contexto de constantes mudanças, surgem os bancos digitais, com a proposta de operação exclusivamente por meio eletrônico, da abertura de contas ao seu encerramento, da realização de transferências ao acesso a linhas de crédito e mesmo investimentos sem o cliente em momento algum precisar ir até uma agência bancária física. Os bancos digitais se apresentaram desde o início como um desafio para as empresas entrantes e para as empresas já estabelecidas. Acompanhando as mudanças de perfil dos usuários de serviços bancários, os bancos digitais prestam um serviço cuja percepção dos clientes sobre a relação custo-benefício apresenta melhores índices que os bancos tradicionais – considerando aspectos como custos, serviços oferecidos e transparência na cobrança. Realizando todo o processo de abertura de conta em tempo bem inferior ao dos bancos tradicionais, boa parte dos bancos digitais não cobra mensalidades (PINHEIRO, 2017, 2018).

Analisando as demonstrações contábeis de sete bancos, dois digitais e cinco tradicionais, esta pesquisa busca identificar as principais diferenças nas composições das receitas destes bancos e tem como objetivo geral realizar uma análise comparativa da composição das receitas dos bancos tradicionais e dos bancos digitais brasileiros no período entre 2015 e 2018. A compreensão sobre como os bancos compõem as suas receitas é fundamental para analisarmos como o setor tem reagido às mudanças tecnológicas das últimas décadas e pode nos apontar a manutenção ou mudanças na orientação das instituições financeiras. Embora outros aspectos sejam constantemente abordados – relacionamento com o cliente, posicionamento de mercado e estratégias de *marketing* e estrutura de custos, por exemplo –, os resultados financeiros dos bancos digitais não têm recebido tanto espaço na literatura. Assim, além da importância do tema, dado o impacto que essas empresas têm causado no mercado financeiro, enxergamos a necessidade de realizar estudos iniciais que busquem comparar os modelos de negócio dos bancos tradicionais e dos bancos digitais.

² Febraban (2017, p. 23) explica que "o indicador de bancarização é obtido a partir da divisão da quantidade de CPFs únicos ativos no Banco Central do Brasil de pessoas com mais de 15 anos pela população a partir dessa mesma idade."

Este trabalho está dividido em cinco seções, incluindo essa Introdução. Após, apresentamos os *Aspectos teóricos*, com uma breve revisão da literatura que aborda a questão da receita dos bancos e suas relações. Na seção dedicada à *Metodologia*, expomos alguns aspectos relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Em seguida, com base nas demonstrações contábeis dos bancos aqui estudados, apresentamos a *Resultados e discussão*. Por fim, as principais *Conclusões* desta pesquisa.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

O constante desenvolvimento tecnológico faz com o que os bancos revejam as suas operações, tendo como objetivo buscar: maior eficiência de custos, melhor alocação de recursos e maior capacidade de prevenção diante de crises no sistema financeiro (DAVIS; TUORI, 2000). Nesse contexto, as instituições financeiras precisam adaptar seus modelos de negócio e suas formas de ganhos e de composição de receita. Nas últimas décadas, o setor bancário observou uma considerável redução dos custos de coleta, processamento e uso das informações, o que lhe permitiu otimizar inúmeros processos, incluindo o cálculo de riscos, de crédito e de custos, por exemplo. Isso permitiu aos bancos que pudessem se dedicar também a outros produtos financeiros e expandir os seus ganhos em receitas não relacionadas à intermediação financeira (DAVIS; TUORI, 2000).

Os bancos digitais surgem com uma proposta de negócio cujo funcionamento implica a redução de custos, em função de não terem agências físicas e por operarem exclusivamente por meio eletrônico. Para os clientes, além da conveniência, essa modalidade de banco poderia representar, em teoria, uma redução de custos, por meio de tarifas menores, ou mesmo um ganho, por meio de maiores taxas de captação pagas pelos bancos (DEYOUNG, 2001a). Essa proposta, portanto, significaria haver novas instituições com estruturas de custos e de receitas diferentes das empresas já estabelecidas. Essa linha de raciocínio está de acordo com Davis e Tuori (2000), que afirmam que a estrutura de receitas das instituições bancárias tem a capacidade de reunir em um indicador a mudança das empresas do setor frente às mudanças no setor e na economia como um todo.

Por ser um tema recente, não identificamos na literatura um estudo que trate especificamente da comparação da composição das receitas dos bancos tradicionais e dos bancos digitais, sendo esse um dos principais desafios deste trabalho.

Identificamos pesquisas que abordam as receitas do setor bancário sob outras perspectivas. Utilizando dados de 1996, Davis e Tuori (2000) analisaram a participação da receita não relacionada à intermediação financeira sobre a receita total, classificando-a de acordo com os tamanhos dos bancos. Segundo os autores, apesar de nos Estados Unidos e nos países da Zona do Euro, esse percentual se apresentar à época maior nos bancos grandes do que nos pequenos e médios, não era possível afirmar que esse fosse um padrão, já que os dados de vários países indicavam o comportamento inverso.

Analisando os grandes bancos do Reino Unido, Jaffar, Mabwe e Webb (2014) estudaram a relação entre o crescimento da receita dos bancos, separando-as entre receita de intermediação financeira e outras receitas, e as mudanças na regulação do sistema financeiro do Reino Unido na década de 1980, identificando um crescimento nas receitas não relacionadas à intermediação um pouco superior ao crescimento das receitas de intermediação no período entre 1986 e 2012. Há na literatura diversos estudos que buscam identificar uma correlação entre as receitas não relacionadas à intermediação financeiras às performances dos bancos³. Sobre os bancos da China, o estudo de Sun et al. (2017) aponta

³ Ver Sunt et al. (2017) e Busch e Kick (2009). Ambos os estudos fazem uma revisão da literatura que relaciona o percentual de receitas não relacionadas à intermediação financeira à performance ou à lucratividade dos bancos.

para uma correlação negativa entre as receitas não relacionadas à intermediação e a performance dos bancos⁴; já a pesquisa de Busch e Kick (2009) indica uma correlação positiva entre essas receitas e a performance⁵ dos bancos da Alemanha.

No Brasil, Rodamilans (2016) buscou estudar a influência da composição e da diversificação⁶ das receitas sobre o desempenho dos bancos comerciais, encontrando indícios de que a estratégia de diversificação é um fator que influencia a volatilidade de resultado dos bancos. Vieira e Girão (2016) buscaram analisar a relação entre a diversificação das receitas e o risco de insolvência dos bancos, concluindo que há influência no caso dos bancos abertos, que conseguem diminuir o risco de insolvência por meio da diversificação, mas não no caso dos bancos fechados, onde não há evidência de relação. O estudo de Ferreira (2016) aponta para uma relação positiva das receitas de serviços e tarifas com o retorno e com o retorno ajustado ao risco e negativa com o risco⁷.

Estes trabalhos, entretanto, não têm sua análise baseada nos modelos dos bancos digitais, sendo uma especificidade que ainda precisa ser alcançada pela literatura.

3 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma pesquisa a respeito da composição da receita de sete bancos brasileiros, no período entre 2015 e 2018. Com base em suas formas de atuação e em seus modelos de negócio, classificamos dois deles como bancos digitais (Banco Inter S.A. e Banco Original S.A.⁸) e cinco como bancos tradicionais (Banco Bradesco S.A., Banco do Brasil S.A., Banco Santander Brasil S.A., o Itaú Unibanco S.A. e Caixa Econômica Federal) e analisamos suas demonstrações financeiras e contábeis e buscamos identificar as principais diferenças na composição das receitas.

Em 1987, por meio da Circular 1.273, o BCB instituiu o Plano Contábil das Instituições do Sistema Financeiro Nacional (COSIF), com o objetivo de

uniformizar os registros contábeis dos atos e fatos administrativos praticados, racionalizar a utilização de contas, estabelecer regras, critérios e procedimentos necessários à obtenção e divulgação de dados, possibilitar o acompanhamento do sistema financeiro, bem como a análise, a avaliação do desempenho e o controle, de modo que as demonstrações financeiras elaboradas, expressem, com fidedignidade e clareza, a real situação econômico-financeira da instituição e conglomerados financeiros. (BCB, 1987, p. 9)

⁴ Os autores utilizam o ROE (*return on equity*), que é o cálculo do retorno (lucro líquido) sobre o patrimônio líquido, como parâmetro para performance.

⁵ Os autores utilizam como parâmetros o ROE e o ROA (*return on assets*), que é o cálculo do retorno (lucro operacional) sobre o total de ativos.

⁶ Ver Ferreira (2016) para melhor compreender a teoria da diversificação de portfólio.

⁷ O autor também faz um resumo das evidências empíricas de diversos estudos que investigaram a relação entre diversificação e retorno e risco em outros países.

⁸ Outros bancos digitais não foram utilizados neste trabalho principalmente por terem suas informações nas demonstrações contábeis de seus conglomerados prudenciais e cuja movimentação dos bancos físicos é predominante em relação às operações digitais. É o caso dos bancos BTG Pactual Digital, do Banco BTG Pactual S.A., do Sofisa Direto, do Banco Sofisa S.A., e do Agibank, do Banco Agiplan S.A. – o mesmo critério não foi aplicado à análise do Banco Original em função de, pelo fato de a operação digital ser predominante, apesar da impossibilidade de separar as operações a partir das demonstrações divulgadas pela empresa (BCB, 2017; BANCO ORIGINAL, 2017a, 2017b). O Banco Neon S.A. não foi utilizado por não dispormos das informações necessárias – além de ter sido liquidado extrajudicialmente pelo BCB em maio de 2018, em função da constatação de "comprometimento da situação econômico-financeira, bem como a existência de graves violações às normas legais e regulamentares" (ANDRADE, 2018). Também não foi considerado o banco Next, pertencente ao Banco Bradesco S.A. Alguns bancos tradicionais, como Banco do Brasil, Bradesco e Itaú, também lançaram suas modalidades de contas digitais, algumas descontinuadas logo em seguida (PAPP; OLIVEIRA, 2017), e que também não atendem as características aqui analisadas.

Para a realização da comparação das receitas, utilizaremos a categorização apresentada no Documento nº 8 – Demonstração do Resultado, sendo aqui analisadas as Receitas da intermediação financeira (a) e as Outras receitas operacionais (d)⁹, conforme Tabela 1.

As demais linhas da demonstração de resultado (Despesas da intermediação financeira e desdobramentos, Resultado bruto da intermediação financeira, Resultado operacional, Resultado antes da tributação sobre o lucro e participações, Imposto de renda e contribuição social e desdobramentos, Participações estatutárias no lucro, Lucro líquido, Juros sobre capital próprio e Lucro por ação) não serão aqui utilizadas tendo em vista a finalidade do trabalho. E os documentos utilizados como referência serão as demonstrações contábeis dos conglomerados prudenciais¹⁰, considerando a Resolução CMN nº 4.280:

Art. 1º As instituições financeiras e demais instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil, exceto cooperativas de crédito, devem elaborar as demonstrações contábeis mencionadas no art. 2º de forma consolidada, incluindo os dados relativos às entidades discriminadas a seguir, localizadas no País ou no exterior, sobre as quais a instituição detenha controle direto ou indireto:

I – instituições financeiras;

II – demais instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil;

III – administradoras de consórcio;

IV – instituições de pagamento;

V – sociedades que realizem aquisição de operações de crédito, inclusive imobiliário, ou de direitos creditórios, a exemplo de sociedades de fomento mercantil, sociedades securitizadoras e sociedades de objeto exclusivo; e

VI – outras pessoas jurídicas sediadas no País que tenham por objeto social exclusivo a participação societária nas entidades mencionadas nos incisos de I a V.

⁹ Sobre a diferença entre receitas operacionais e não operacionais, de acordo com BCB (1987, p. 94), "Para fins de registros contábeis e elaboração das demonstrações financeiras, as receitas e despesas se classificam em Operacionais e Não Operacionais. [...] As rendas operacionais representam remunerações obtidas pela instituição em suas operações ativas e de prestação de serviços, ou seja, aquelas que se referem a atividades típicas, regulares e habituais. [...] As receitas não operacionais provêm de remunerações eventuais, não relacionadas com as operações típicas da instituição". As receitas não operacionais, que consideram Lucros em transações com valores e bens, Lucros na alienação de investimentos, Renda de alugueis, entre outros, não serão abordadas neste trabalho. Para detalhamento dos desdobramentos das receitas não operacionais, ver BCB (2018, p. 458).

¹⁰ Oliveira (2015, p. 21) faz uma importante consideração a respeito das demonstrações contábeis dos conglomerados financeiros: "O fato de o conglomerado financeiro contemplar as demonstrações contábeis individuais de instituições financeiras que o integram não significa, necessariamente, que tais demonstrações não possam sofrer influência de resultados decorrentes de participações societárias de entidades financeiras em empresas não financeiras. Ou seja, se uma entidade financeira integrante do conglomerado financeiro detiver participação societária em uma entidade não financeira, participante de um mesmo conglomerado econômico, tal como a instituição financeira, as demonstrações contábeis do conglomerado financeiro serão influenciadas pelos resultados das empresas não financeiras, sobre as quais as instituições financeiras pertencentes ao referido conglomerado detêm participação societária. Isso porque, conforme já indicado, a consolidação das demonstrações contábeis, no caso dos conglomerados financeiros, contempla o conjunto de instituições financeiras que integram os respectivos conglomerados."

TABELA 1 – CLASSIFICAÇÃO DAS RECEITAS DA INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA PELO COSIF

Código	Discriminação
10	RECEITAS DA INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA (a)*
711	- Operações de Crédito (a1)
713	- Operações de Arrendamento Mercantil (a2)
715	- Resultado de Operações com Títulos e Valores Mobiliários (a3) **
716	- Resultado com Instrumentos Financeiros Derivativos (a4) ***
717	- Resultado de Operações de Câmbio (a5)
719	- Resultado das Aplicações Compulsórias (a6)
50	OUTRAS RECEITAS/DESPESAS OPERACIONAIS (d)****
721	- Receitas de Prestação de Serviços (d1)
722	- Rendas de Tarifas Bancárias (d2)
822	- Despesas de Pessoal (d3)
824	- Outras Despesas Administrativas (d4)
826	- Despesas Tributárias (d5)
723	- Resultado de Participações em Coligadas e Controladas (d6) *****
725	- Outras Receitas Operacionais (d7) *****
832	- Outras Despesas Operacionais (d8)

Fonte: BCB, 2018.

Notas:

* (a) = (a1) + (a2) + (a3) + (a4) + (a5) + (a6).

** Apresentado no trabalho como Resultado de operações com TVM.

*** Resultado com IFD.

**** Para o estudo, foram consideradas as linhas: Receitas de prestação de serviços (d1), Rendas de tarifas bancárias (d2), Resultado de participações (d6) e Outras receitas operacionais (d7). A primeira linha corresponde à soma das linhas apresentadas em seguida, sendo apresentada durante a pesquisa como Outras receitas operacionais (d). A fórmula considerada, portanto, é: (d) = (d1) + (d2) + (d6) + (d7).

***** Apresentado no trabalho como Resultado de participações.

***** Considerando a classificação do COSIF e a Carta-Circular Nº 3360, de 18 de dezembro de 2008, do BCB, ajustamos o grupo Operações de vendas de transferência de ativos financeiros, que são apresentados dentro de Receitas da intermediação financeira (a), para o subgrupo Outras receitas operacionais (d7), sendo esse ajuste válido para as demonstrações dos bancos Inter, Bradesco, Banco do Brasil, Banco Santander e Caixa Econômica Federal. Outros ajustes foram ao Banco Inter: a demonstração de resultados apresenta separadamente o Resultado com aplicações interfinanceiras de liquidez, que neste trabalho somamos ao Resultado de operações com TVM (a3) - para maior fidelidade às Tabelas 1 e 2 e à classificação do COSIF. Também separamos o grupo Resultado com instrumentos financeiros derivativos (a4), que nos relatórios da empresa aparece como uma divisão do Resultado de operações com TVM (a3).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das composições das receitas dos seis bancos permite identificar uma maior participação das Receitas da intermediação financeira (a) sobre as Receitas totais (t) dos bancos digitais. No período, essa participação foi, em média, superior a 90%, enquanto para os bancos tradicionais representou menos de 80%.

Tabela 2 – COMPOSIÇÃO DAS RECEITAS DOS BANCOS (2015)

Discriminação	Inter	Original	Banco do Brasil	Caixa	Bradesco	Santander	Itaú
(a)	88,8	95,6	80,3	82,4	68,8	79,5	76,5
(a1)	75,6	76,5	48,6	49,4	40,7	55,4	*
(a2)	-	-	0,2	-	1,8	0,5	*
(a3)	11,1	20,4	27,3	19,8	24,6	29,3	*
(a4)	2,1	(5,0)	0,6	5,1	(4,3)	(8,6)	*
(a5)	0,0	3,8	1,2	1,5	3,2	(1,3)	1,0
(a6)	-	-	2,3	6,5	2,8	4,2	3,2
(d)	11,2	4,4	19,7	17,6	31,2	20,5	23,5
(d1)	3,8	2,6	7,7	9,5	10,1	8,5	11,3
(d2)	1,9	0,0	3,2	2,4	3,5	2,8	5,3

(d6)	0,1	0,2	3,0	0,6	14,3	(0,2)	6,4
(d7)	5,4	1,6	5,8	5,1	3,3	9,4	0,5
TOTAL (t)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Bradesco (2015a, 2015b), Banco do Brasil (2015), Inter (2015), Original (2015), Santander (2015), Caixa (2015) e Itaú (2015). Elaboração própria.

Nota:

* A classificação utilizada pelo Itaú não segue rigorosamente a exposta pelo COSIF, o que impede a comparação com os demais bancos em alguns dos critérios.

Tabela 3 – COMPOSIÇÃO DAS RECEITAS DOS BANCOS (2016)

Discriminação	Inter	Original	Banco do Brasil	Caixa	Bradesco	Santander	Itaú
(a)	93,1	91,7	81,0	80,5	83,7	82,9	81,5
(a1)	80,9	62,1	49,9	51,0	45,0	39,2	*
(a2)	-	-	0,2	-	1,5	0,4	*
(a3)	12,1	17,3	28,3	27,4	26,2	22,2	*
(a4)	0,1	12,2	(1,1)	(4,8)	9,4	5,7	*
(a5)	0,0	0,0	0,9	(0,5)	(1,8)	8,5	1,5
(a6)	-	-	2,8	7,4	3,4	6,9	3,9
(d)	6,9	8,3	19,0	19,5	16,3	17,1	18,5
(d1)	3,8	2,6	8,6	9,5	11,0	9,6	12,6
(d2)	1,9	0,1	4,2	2,7	4,1	3,3	5,9
(d6)	0,1	(0,0)	0,2	0,4	(1,5)	0,4	(0,4)
(d7)	5,4	5,7	6,1	6,9	2,7)	3,7	0,4
TOTAL (t)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Bradesco (2016a, 2016b), Banco do Brasil (2016), Inter (2016a, 2016b, 2016c), Original (2016), Santander (2016), Caixa (2016) e Itaú (2016). Elaboração própria.

Nota:

* A classificação utilizada pelo Itaú não segue rigorosamente a exposta pelo COSIF, o que impede a comparação com os demais bancos em alguns dos critérios.

TABELA 4 – COMPOSIÇÃO DAS RECEITAS DOS BANCOS (2017)

Discriminação	Inter	Original	Banco do Brasil	Caixa	Bradesco	Santander	Itaú
(a)	89,6	90,4	79,2	76,5	75,5	79,4	77,0
(a1)	73,1	56,9	47,2	50,8	43,9	49,5	*
(a2)	-	-	0,1	-	1,1	0,4	*
(a3)	14,7	24,5	29,2	21,0	25,0	19,4	*
(a4)	1,8	8,7	(0,3)	(1,6)	1,1	1,8	*
(a5)	0,1	0,3	0,5	0,2	1,4	2,4	0,4
(a6)	-	-	2,4	6,1	3,0	5,8	4,2
(d)	10,4	9,6	20,8	23,5	24,5	20,6	23,0
(d1)	5,2	2,4	7,7	11,0	9,9	11,9	13,8
(d2)	1,8	0,4	5,4	3,4	4,6	4,4	7,0
(d6)	1,2	0,0	2,9	0,7	4,7	0,3	2,1
(d7)	2,2	6,8	4,8	8,5	5,3	3,9	0,1
TOTAL (t)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Bradesco (2017a, 2017b), Banco do Brasil (2017), Inter (2017a, 2017b, 2017c, 2017d), Original (2017a, 2017b), Santander (2017), Caixa (2017) e Itaú (2017). Elaboração própria.

Nota:

* A classificação utilizada pelo Itaú não segue rigorosamente a exposta pelo COSIF, o que impede a comparação com os demais bancos em alguns dos critérios.

TABELA 5 – COMPOSIÇÃO DAS RECEITAS DOS BANCOS (2018)

Discriminação	Inter	Original	Banco do Brasil	Caixa	Bradesco	Santander	Itaú
(a)	89,6	91,5	76,5	75,3	67,9	76,7	73,3
(a1)	77,6	75,9	49,5	53,4	46,5	53,3	*
(a2)	-	-	0,1	-	1,0	0,3	*
(a3)	11,9	19,5	23,8	17,4	20,7	23,2	*
(a4)	0,0	(8,4)	0,3	(0,9)	(4,0)	(5,2)	*

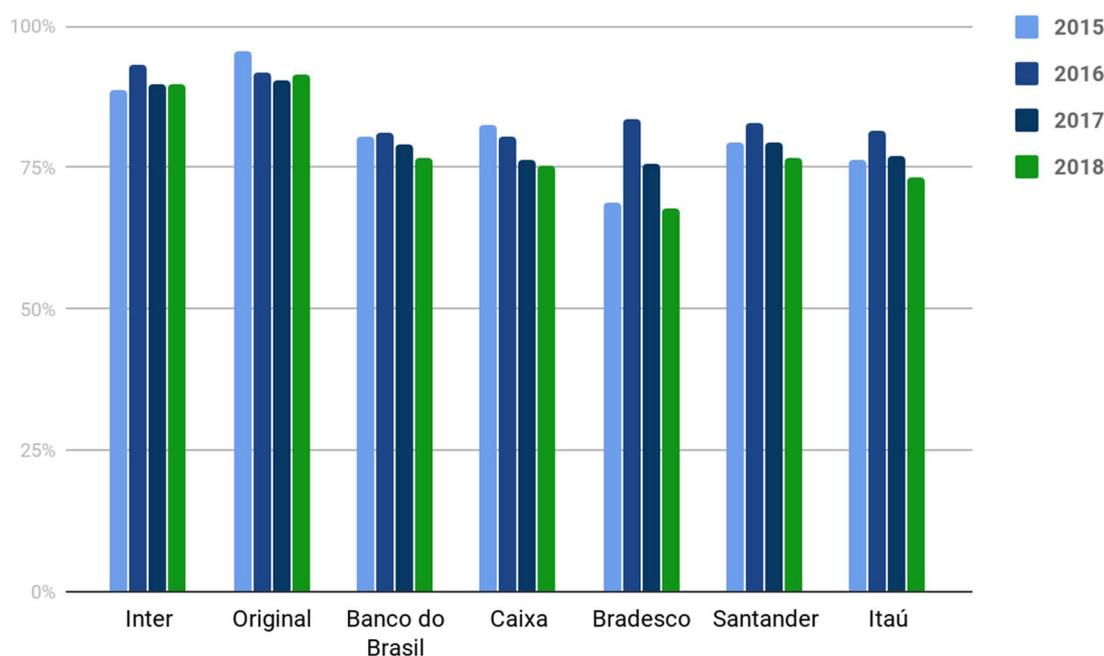
(a5)	0,1	4,5	1,3	0,7	1,1	1,2	2,1
(a6)	-	-	1,4	4,7	2,6	3,8	2,9
(d)	10,4	8,6	23,5	24,8	32,2	23,3	26,7
(d1)	7,4	2,9	8,0	13,6	11,6	12,5	14,5
(d2)	0,6	1,2	6,0	4,6	5,3	4,8	7,4
(d6)	1,4	(0,1)	3,8	1,4	11,1	0,4	3,8
(d7)	1,0	4,6	5,7	5,3	4,2	5,7	1,0
TOTAL (t)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Bradesco (2018), Banco do Brasil (2018), Inter (2018), Original (2018), Santander (2018), Caixa (2018) e Itaú (2018). Elaboração própria.

Nota:

* A classificação utilizada pelo Itaú não segue rigorosamente a exposta pelo COSIF, o que impede a comparação com os demais bancos em alguns dos critérios.

GRÁFICO 1 – PARTICIPAÇÃO DAS RECEITAS DA INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA (a)



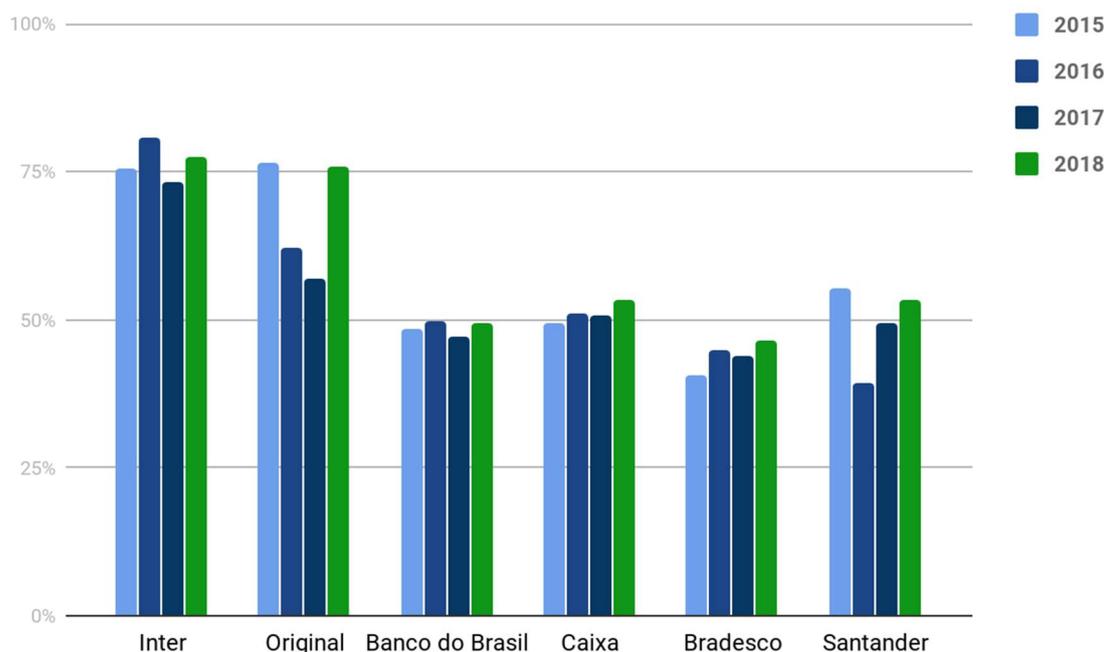
Fonte: Bradesco (2015a, 2015b, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2018), Banco do Brasil (2015, 2016, 2017, 2018), Inter (2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2018), Original (2015, 2016, 2017a, 2017b, 2018), Santander (2015, 2016, 2017, 2018), Caixa (2015, 2016, 2017, 2018) e Itaú (2015, 2016, 2017, 2018). Elaboração própria.

A análise dos subgrupos das Receitas da intermediação financeira (a) e das Outras receitas operacionais (d) indica que há quatro receitas principais para identificação das principais diferenças entre os bancos digitais e os bancos tradicionais: Operações de crédito (a1), Resultado de operações com TVM (a3), Receita de prestação de serviços (d1) e Rendas de tarifas bancárias (d2)¹¹.

¹¹ Os demais subgrupos – Operações de arrendamento mercantil (a2), Resultado com IFD (a4), Resultado de operações de câmbio (a5), Resultado das aplicações compulsórias (a6), Resultado de participações (d6) e Outras receitas operacionais (d7) – correspondem a valores menores que os quatro subgrupos mencionados, além de não permitirem identificar um padrão. Dessa maneira, foram compreendidos como secundários.

Os gráficos 2 e 3 correspondem aos principais subgrupos das Receitas da intermediação financeira (a)¹². As Operações de crédito (a1) (Gráfico 2) seguem o padrão dos dados do Gráfico 1 e têm maior relevância para os bancos digitais, acima dos 70%, em média, do que para os bancos tradicionais, em torno dos 50%. As explicações podem estar nos critérios de provisionamento, nas orientações de risco e no próprio foco dado a essas atividades (INTER, 2017b; ORIGINAL, 2017b).

GRÁFICO 2 – PARTICIPAÇÃO DAS OPERAÇÕES DE CRÉDITO (a1)



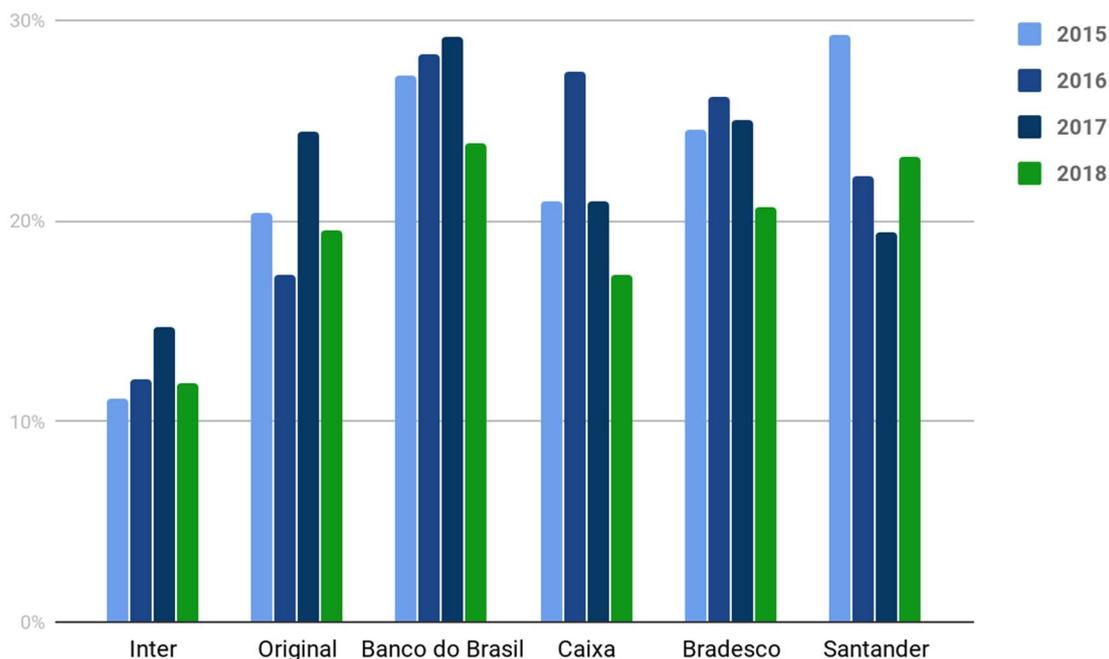
Fonte: Bradesco (2015a, 2015b, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2018), Banco do Brasil (2015, 2016, 2017, 2018), Inter (2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2018), Original (2015, 2016, 2017a, 2017b, 2018), Santander (2015, 2016, 2017, 2018) e Caixa (2015, 2016, 2017, 2018). Elaboração própria.

Quanto aos Resultados de operações com TVM (a3) (Gráfico 3), verificamos que são maiores para os bancos tradicionais do que para os bancos digitais, embora a diferença entre o Banco Original e os bancos tradicionais seja mínima. Ferreira (2016, p. 91) aponta que "as evidências mostram que a participação das receitas de crédito apresenta mais benefícios do que as receitas de títulos". Nesse sentido, estudos futuros poderão analisar esses efeitos para os bancos com base em seus modelos de negócio.

Como os valores das Outras receitas operacionais (d) compõem as Receitas totais (t) quando somadas às Receitas da intermediação financeira (a), os valores do Gráfico 4 apontam uma situação inversa da observada no Gráfico 1. Assim, essas receitas representam, em média, menos de 10% do total para os bancos digitais e mais de 20% para os bancos tradicionais.

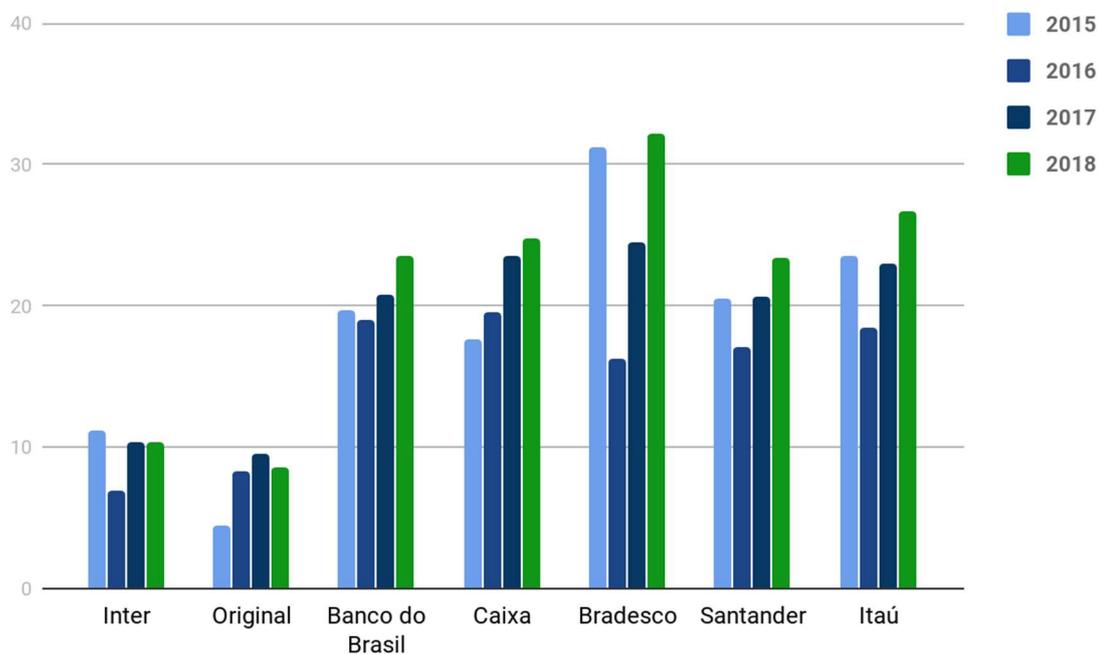
¹² A classificação utilizada pelo Itaú não segue rigorosamente a exposta pelo COSIF, o que impede a comparação com os demais bancos em alguns critérios, como no caso das Operações de crédito (a1) e das Operações com TVM (a3), apresentadas nos gráficos 2 e 3.

GRÁFICO 3 – PARTICIPAÇÃO DO RESULTADO DE OPERAÇÕES COM TVM (a3)



Fonte: Bradesco (2015a, 2015b, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2018), Banco do Brasil (2015, 2016, 2017, 2018), Inter (2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2018), Original (2015, 2016, 2017a, 2017b, 2018), Santander (2015, 2016, 2017, 2018) e Caixa (2015, 2016, 2017, 2018). Elaboração própria.

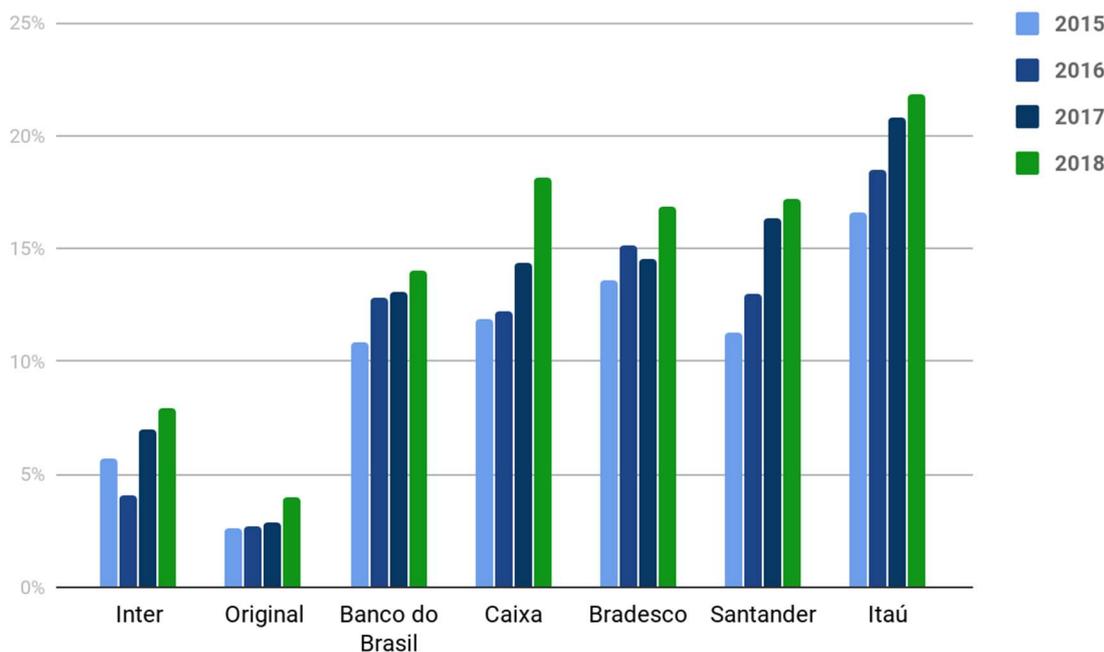
GRÁFICO 4 – PARTICIPAÇÃO DAS OUTRAS RECEITAS OPERACIONAIS (d)



Fonte: Bradesco (2015a, 2015b, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2018), Banco do Brasil (2015, 2016, 2017, 2018), Inter (2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2018), Original (2015, 2016, 2017a, 2017b, 2018), Santander (2015, 2016, 2017, 2018), Caixa (2015, 2016, 2017, 2018) e Itaú (2015, 2016, 2017, 2018). Elaboração própria.

A maior parte desses valores, especialmente para os bancos tradicionais, corresponde à soma da Receita de prestação de serviços (d1) e das Rendas de tarifas bancárias (d7) (Gráfico 5). No período analisado, todos os bancos apresentaram aumento dessas receitas de 2015 para 2018, mas enquanto para os bancos Inter e Original essas receitas representaram, em 2018, 8% e 4% do total, respectivamente, para os bancos tradicionais o valor foi, em média, de 17,6% – chegando a 21,8% no caso do Itaú.

GRÁFICO 5 – PARTICIPAÇÃO DA RECEITA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS E DAS RENDAS DE TARIFAS BANCÁRIAS (d1 + d2)



Fonte: Bradesco (2015a, 2015b, 2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2018), Banco do Brasil (2015, 2016, 2017, 2018), Inter (2015, 2016a, 2016b, 2016c, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2018), Original (2015, 2016, 2017a, 2017b, 2018), Santander (2015, 2016, 2017, 2018), Caixa (2015, 2016, 2017, 2018) e Itaú (2015, 2016, 2017, 2018). Elaboração própria.

Esses valores indicam uma maior orientação dos bancos tradicionais para as Outras receitas operacionais (d), especialmente para a Receita de prestação de serviços (d1) e para as Rendas de tarifas bancárias (d2). As receitas de tarifas se tornaram cada vez mais importantes para os bancos após o controle da inflação a partir de 1994, com a implementação do Plano Real (IBGE, 1997, 2002), pois houve uma redução das receitas relacionadas a juros¹³, fazendo com que os bancos buscassem a expansão de receitas não relacionadas a juros¹⁴ (NAKANE; WEINTRAUB, 2005; RODAMILANS, 2016). Para Sun

¹³ De acordo com IBGE (1997), a participação das receitas inflacionárias no PIB foi de 4,0% em 1990, 3,8% em 1991, 4,0% em 1992 e 4,0% em 1993. Em 1994, já foi possível se observar uma redução para 2,0% e em 1995, o índice correspondeu a 0,1%. Utilizando dados de 1979 a 1995, Davis e Tuori (2000) também observaram maior participação das receitas relacionadas à intermediação financeira em países que tiveram altos índices de inflação no período, como Espanha, Itália e Portugal. Nos Estados Unidos, apenas entre 1984 e 2001, Stiroh (2002) observou um crescimento das receitas não relacionadas ao crédito, que passaram de 25% para 43% da receita total dos bancos.

¹⁴ Em suas operações, os bancos se valem da volatilidade dos preços e as receitas de intermediação financeira ocorriam especialmente em virtude de os depósitos à vista e as aplicações overnight não sofrerem correção monetária integral. Entre as alternativas para a queda dessa receita, além das tarifas bancárias, os

et al. (2017), a importância da receita não atrelada à intermediação financeira para o crescimento da receita total aumenta em momentos de baixo crescimento da população ou de intensificação da concorrência. As demonstrações contábeis dos bancos permitem observar uma maior diversificação das receitas dos bancos tradicionais.

5 CONCLUSÕES

Com base nas demonstrações contábeis dos bancos, buscamos por meio deste trabalho estudar as composições de suas receitas, tendo como objetivo realizar uma análise comparativa entre os bancos tradicionais e os bancos digitais, identificando e apontando as principais diferenças, após analisar e comparar as composições das receitas destas instituições com base em suas demonstrações contábeis. As principais diferenças encontradas estão nas Operações de crédito, que representam para as Receitas totais dos bancos digitais um percentual superior ao dos bancos tradicionais. Nos bancos tradicionais, por outro lado, a participação da Receita de prestação de serviços e das Rendas de tarifas bancárias tem maior importância que nos bancos digitais. Isso indica uma orientação maior dos bancos digitais para as Receitas da intermediação financeira e um modelo de negócio menos orientado para tarifas e também que os bancos tradicionais têm um modelo de negócio mais voltado para a diversificação de suas receitas e para a obtenção de Outras receitas operacionais. O fato de o tema ser recente e a "experiência" ser um importante fator que pode influenciar a obtenção de menores custos e o aumento da eficiência e da produtividade, fazendo com que, portanto, novos bancos possam levar anos até se tornarem lucrativos (DEYOUNG, 2001b) limita a análise comparativa dos resultados e da performance financeira dos bancos digitais em relação aos tradicionais.

Além da pequena amostra de bancos digitais estudados, apenas dois, encontramos limitações no horizonte de tempo, pois, por se tratar de um universo relativamente novo, utilizamos as receitas de apenas quatro anos (2015 a 2018). Futuros estudos que comparem os bancos digitais e os bancos tradicionais podem focar na influência do modelo de negócio sobre: os resultados; a relação com os tamanhos das instituições; a questão regulatória; a diversificação das receitas; o risco; o risco de insolvência; entre outros; conforme a breve exposição dos *Aspectos teóricos* a deste trabalho.

As mudanças no setor bancário têm ocorrido em alta velocidade, como em diversos outros setores da economia, mas com todas as particularidades do sistema financeiro – risco sistêmico, por exemplo. Dessa maneira, o desafio que os órgãos reguladores têm para acompanhar todas essas mudanças também se impõe às empresas e aos profissionais da área, bem como à teoria e à academia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Leandro. Banco Neon tem atividades encerradas pelo Banco Central. **Pagamento.me**. São Paulo. 04 maio 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2XUhdU4>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

bancos recorreram à expansão da oferta de crédito (OLIVEIRA, 2015; SMANIOTTO; ALVES, 2016). Além deste efeito sobre a receita dos bancos, a questão inflacionária impacta também a sua estrutura de custos operacionais e administrativos, pois estes se tornam proporcionalmente mais relevantes em um contexto de baixa inflação. Nunes (2011) comenta sobre os efeitos positivos sobre as receitas dos bancos na hipótese de eles conseguirem antecipar corretamente uma alta inflacionária, por exemplo, mas que, por outro lado, um aumento inesperado da inflação pode ter um impacto negativo na performance dos bancos, pois o aumento dos custos ocorre mais rapidamente do que o dos rendimentos.

BANCO BRADESCO S.A. **Demonstrações contábeis do conglomerado prudencial 2018**. Osasco: Bradesco, 2018. 82 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2xLedYZ>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

_____. **Demonstrações contábeis do conglomerado prudencial – Dezembro 2017**. Osasco: Bradesco, 2017a. 71 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30z7aPA>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Demonstrações contábeis do conglomerado prudencial – Dezembro 2016**. Osasco: Bradesco, 2016a. 82 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30z7aPA>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Relatório de análise econômica e financeira – 4º trimestre 2016**. Osasco: Bradesco, 2016b. 207 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30z7aPA>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Relatório de análise econômica e financeira – 4º trimestre 2015**. Osasco: Bradesco, 2015a. 203 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30z7aPA>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Relatório integrado 2015**. Osasco: Bradesco, 2015b. 142 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30z7aPA>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Relatório integrado 2017**. Osasco: Bradesco, 2017b. 68 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30z7aPA>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

Banco Central do Brasil. **Circular N° 1.273, de 29 de dezembro de 1987**. 1987. Disponível em: <<https://bit.ly/2NTCIUf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

_____. **COSIF – Manual de Normas do Sistema Financeiro**. 2018. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/aplica/cosif/completo>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

_____. **Ranking de reclamações – Bancos e financeiras – Reclamações e quantidades de clientes por instituição financeira**. 2017. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/ranking/index.asp>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **Relatório de estabilidade financeira**. Brasília: Banco Central do Brasil, v. 15, n. 2, set. 2016b. Disponível em: <<https://bit.ly/2ob4hke>>. Acesso em: 02 maio 2018.

BANCO DO BRASIL S.A. **Demonstrações contábeis conglomerado prudencial – exercício 2015**. Brasília: Banco do Brasil, 2015. 97 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2XKRnfx>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. **Demonstrações contábeis conglomerado prudencial – exercício 2016**. Brasília: Banco do Brasil, 2016. 92 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2JGdVbh>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. **Demonstrações contábeis conglomerado prudencial – exercício 2017**. Brasília: Banco do Brasil, 2017. 89 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2LRJ4Lz>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. **Demonstrações contábeis conglomerado prudencial – exercício 2018**. Brasília: Banco do Brasil, 2018. 96 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2Y2I9yE>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BANCO INTER S.A. **Apresentação institucional 4T16**. Belo Horizonte: Banco Inter, 2016a. 27 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2RpMXIb>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

_____. **Apresentação institucional 4T17**. Belo Horizonte: Banco Inter, 2017a. 38 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2RpMXIb>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

_____. **Banco Intermedium S.A. – Demonstrações financeiras em 31 de dezembro de 2015 e 2014**. Belo Horizonte: Banco Inter, 2015. 40 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2RpMXIb>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

_____. **Conglomerado Banco Intermedium S.A. – Demonstrações financeiras em 31 de dezembro de 2016 e 2015**. Belo Horizonte: Banco Inter, 2016b. 45 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2RpMXIb>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

_____. **Demonstrações financeiras em 31 de dezembro de 2017**. Belo Horizonte: Banco Inter, 2017b. 55 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2RpMXIb>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

_____. **Demonstrações financeiras em 31 de dezembro de 2018**. Belo Horizonte: Banco Inter, 2018. 67 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2RpMXIb>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

_____. **DFP – Demonstrações financeiras padronizadas – 31/12/2017 – Banco Inter S.A.** Belo Horizonte: Banco Inter, 2017c. 155 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2RpMXIb>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

_____. **Release de resultados 4T16**. Belo Horizonte: Banco Inter, 2016c. 24 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2RpMXIb>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

_____. **Release de resultados 4T17**. Belo Horizonte: Banco Inter, 2017d. 25 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2RpMXIb>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

BANCO ORIGINAL S.A. **Apresentação Institucional Dezembro 2017**. São Paulo: Banco Original, 2017a. 20 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2SewBTl>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. **Demonstrações Financeiras Combinadas Preparadas de Acordo com Práticas Contábeis Adotadas no Brasil – Aplicáveis às Instituições Financeiras – Conglomerado Prudencial Banco Original**. São Paulo: Banco Original, 2017b. 35 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2SjaIIV>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. **Demonstrações Financeiras Combinadas Preparadas de Acordo com Práticas Contábeis Adotadas no Brasil – Aplicáveis às Instituições Financeiras – Conglomerado Prudencial Banco Original.** São Paulo: Banco Original, 2018. 35 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2YUpL8b>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

_____. **Demonstrações Financeiras Combinadas Preparadas de Acordo com Práticas Contábeis Adotadas no Brasil – Aplicáveis às Instituições Financeiras – Conglomerado Prudencial do Banco Original S.A.** São Paulo: Banco Original, 2016. 34 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2GcQkhD>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. **Demonstrações Financeiras Combinadas Preparadas de Acordo com Práticas Contábeis Adotadas no Brasil – Para fins específicos – Conglomerado Prudencial do Banco Original S.A.** São Paulo: Banco Original, 2015. 33 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2Jlkhaa>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

BANCO SANTANDER (BRASIL) S.A. **Demonstrações contábeis consolidadas do conglomerado prudencial preparadas de acordo com práticas contábeis adotadas no Brasil.** São Paulo: Santander, 2015. 82 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30xRNH2>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

_____. **Demonstrações contábeis consolidadas do conglomerado prudencial preparadas de acordo com práticas contábeis adotadas no Brasil.** São Paulo: Santander, 2017. 81 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30xRNH2>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

_____. **Demonstrações contábeis consolidadas do conglomerado prudencial preparadas de acordo com práticas contábeis adotadas no Brasil.** São Paulo: Santander, 2018. 88 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30xRNH2>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

_____. **Demonstrações contábeis consolidadas do conglomerado prudencial preparadas de acordo com práticas contábeis adotadas no Brasil aplicáveis às instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil.** São Paulo: Santander, 2016. 81 p. Disponível em: <<https://bit.ly/30xRNH2>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contas regionais do Brasil 2000.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 122 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1172.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

_____. **Sistema Financeiro: uma análise a partir das Contas Nacionais – 1990 – 1995.** Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Contas Nacionais, 1997. 164 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv26014.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

BUSCH, Ramona; KICK, Thomas. **Income diversification in the German banking industry.** Frankfurt: Deutsche Bundesbank, 2009. Disponível em: <<https://www.econstor.eu/bitstream/10419/27767/1/607861940.PDF>>. Acesso em 12 jun 2018. (Discussion Paper. Series 2: Banking and Financial Studies. No 09/2009).

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Anual de 2015 – Demonstrações contábeis do conglomerado prudencial Caixa**. Brasília: Caixa Econômica Federal, 2015. 92 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2LkSa3Y>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. **Demonstrações contábeis BrGaap**. Brasília: Caixa Econômica Federal, 2018. 137 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2O552xI>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

_____. **Demonstrações contábeis consolidadas do conglomerado prudencial 31/12/2017**. Brasília: Caixa Econômica Federal, 2017. 94 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2xMaUR8>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. **Demonstrações contábeis consolidadas do conglomerado prudencial Caixa**. Brasília: Caixa Econômica Federal, 2016. 99 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2xMaUR8>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Conselho Monetário Nacional. **Resolução Nº 4.280, de 31 de outubro de 2013**. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2NSzOtf>>. Acesso em: 20 jun 2018.

DAVIS, E. Phillip; TUORI, Klaus. **The changing structure of banks' income – an empirical investigation**. Londres: Brunel University, 2000. Disponível em: <<https://bura.brunel.ac.uk/bitstream/2438/876/1/00-11.pdf>>. Acesso em 30 jun 2018. (Economics and Finance Working papers, Brunel University, 00-11).

DEYOUNG, Robert. **The financial performance of pure play Internet banks**. Chicago: Federal Reserve Bank, 2001a. Disponível em: <<https://ideas.repec.org/a/fip/fedhpep/y2001iqip60-78nv.25no.1.html>>. Acesso em 20 jun 2018. (Economic Perspectives, Federal Reserve Bank of Chicago).

_____. **The financial progress of pure-play internet banks**. Basileia: Bank for International Settlements, Monetary and Economic Department, 2001b. Disponível em: <<https://www.bis.org/publ/bppdf/bispap07.pdf#page=90>>. Acesso em 20 jun 2018. (BIS Papers No 7. Eletronic finance: a new perspective and challenges).

Federação Brasileira de Bancos. **Pesquisa FEBRABAN de tecnologia bancária 2013**. São Paulo: Febraban, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2Sha7RH>>. Acesso em: 09 maio 2018.

_____. **Pesquisa FEBRABAN de tecnologia bancária 2014**. São Paulo: Febraban, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2JzAHD6>>. Acesso em: 09 maio 2018.

_____. **Pesquisa FEBRABAN de tecnologia bancária 2015**. São Paulo: Deloitte, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2LOHNVP>>. Acesso em: 09 maio 2018.

_____. **Pesquisa FEBRABAN de tecnologia bancária 2017 (ano-base 2016)**. São Paulo: Deloitte, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2XSikNH>>. Acesso em: 13 maio 2018.

_____. **Pesquisa FEBRABAN de tecnologia bancária 2018 (ano-base 2017)**. São Paulo: Deloitte, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2t6fRBE>>. Acesso em: 13 maio 2018.

_____. **Pesquisa FEBRABAN de tecnologia bancária 2019 (ano-base 2018)**. São Paulo: Deloitte, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/32r6qgV>>. Acesso em: 30 junho 2019.

FERREIRA, Jorge Henrique Lopes. **A diversificação das receitas bancárias: seu impacto sobre o risco e o retorno dos bancos brasileiros**. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Finanças Corporativas, Programa de Pós-graduação em Ciências Contábeis, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2NXuLb8>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

Itaú Unibanco Holding S.A. **Demonstrações Contábeis Completas (Prudencial) – 2015**. São Paulo: Itaú Unibanco Holding S.A., 2015. 97 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2JyftFr>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. **Demonstrações Contábeis Completas (Prudencial) – 2016**. São Paulo: Itaú Unibanco Holding S.A., 2016. 98 p. Disponível em: <<https://bit.ly/32v8qVM>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. **Demonstrações Contábeis Completas (Prudencial) – 2017**. São Paulo: Itaú Unibanco Holding S.A., 2017. 102 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2GeZEBx>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

_____. **Itaú Unibanco Holding S.A. – Demonstrações Contábeis Prudencial – 31 de Dezembro de 2018**. São Paulo: Itaú Unibanco Holding S.A., 2018. 89 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ltmhqj>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

JAFFAR, Kalsoom; MABWE, Kumbirai; WEBB, Robert. Changing Bank Income Structure: Evidence from Large UK Banks?. **Asian Journal Of Finance & Accounting**, [s.l.], v. 6, n. 2, p.195-215, 4 out. 2014. Macrothink Institute, Inc.. <http://dx.doi.org/10.5296/ajfa.v6i2.5975>.

LAUKKANEN, Tommi. Internet vs mobile banking: comparing customer value perceptions. **Business Process Management Journal**, [s.l.], v. 13, n. 6, p.788-797, 13 nov. 2007. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/14637150710834550>. Disponível em: <<https://bit.ly/2Jxbxom>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

NAKANE, Marcio I.; WEINTRAUB, Daniela B. **Bank privatization and productivity: evidence for Brazil**. Washington, DC: World Bank, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2NURftv>>. Acesso em 07 jun 2018. (World Bank Policy Research Working Paper, 3666).

NUNES, Anne-sophie Cavaco. **Os determinantes da performance bancária durante a crise financeira: o caso dos países do Eurosistema**. 2011. 49 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Finanças, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2JFPI4Y>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

OLIVEIRA, Giuliano Contento de. **A estrutura patrimonial do sistema bancário no Brasil no período recente (I-2007/I-2014)**. Brasília: Ipea, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2NTMYX6>>. Acesso em 19 jun 2018. (Texto para discussão n. 2162).

PAPP, Anna Carolina; OLIVEIRA, Malena. Promessa de facilidade, conta digital some de grandes bancos. **O Estado de S.Paulo**. São Paulo. 17 abr. 2017. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/seu-dinheiro,promessa-de-facilidade-conta-digital-some-de-grandes-bancos,70001740605>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

PINHEIRO, Vinícius. Clientes avaliam bem os bancos digitais, mostra pesquisa. **Valor Econômico**. São Paulo. 31 jan 2017. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/financas/4852770/clientes-avaliam-bem-os-bancos-digitais-mostra-pesquisa>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

_____. Fintechs se saem melhor que os bancos de varejo em abertura de conta digital. **Valor Econômico**. São Paulo. 03 maio 2018. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/financas/5497725/fintechs-se-saem-melhor-que-bancos-em-conta-digital-diz-jp-morgan>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

RODAMILANS, Daniel Freire. **O desempenho de bancos comerciais brasileiros sofre influência da composição e diversidade de suas receitas?** 2016. 28 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Administração, Insper Instituto de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2LSWIOQ>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

SMANIOTTO, Emanuelle Nava; ALVES, Tiago Wickstrom. Concentração e poder de mercado no sistema bancário brasileiro: uma análise pós-Plano Real. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v. 12, n. 1, p.29-41, 5 abr. 2016. UNISINOS – Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/pe.2016.121.03>. Disponível em: <<https://bit.ly/2LoDp0e>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

STIROH, Kevin J. **Diversification in banking: is noninterest income the answer?**. Nova York: Federal Reserve Bank, 2002. Disponível em: <<https://www.econstor.eu/handle/10419/60628>>. Acesso em 13 jun 2018. (Staff Report, Federal Reserve Bank of New York, No. 154).

SUN, Limei et al. Noninterest Income and Performance of Commercial Banking in China. **Scientific Programming**, [s.l.], v. 2017, p.1-8, 2017. Hindawi Limited. <http://dx.doi.org/10.1155/2017/4803840>. Disponível em: <<https://www.hindawi.com/journals/sp/2017/4803840>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

VIEIRA, Carlos André Marinho; GIRÃO, Luiz Felipe de Araújo Pontes. Diversificação das receitas e risco de insolvência dos bancos brasileiros. **Revista de Contabilidade e Organizações**, [s.l.], v. 10, n. 28, p.3-17, 21 dez. 2016. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/rco.v10i28.111758>. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rco/article/view/111758>>. Acesso em: 25 jun. 2018.